



Contaminados pelo mercúrio dos garimpos, afluentes do Tapajós são dizimados, sobretudo nos povoados Progresso e Esperança, no Pará

Rastros de destruição

■ Garimpo do ouro começa a fechar seu ciclo e deixa marcas profundas na ecologia

O rastro de tragédia ecológica deixado pelo garimpo do ouro — poluição do mercúrio, contaminação dos peixes e desmatamentos — pode ser observado tanto em Serra Pelada, como nos rios Madeira, Tapajós e seus inumeráveis afluentes. Depois de devastar e inutilizar áreas imensas, a atividade vive hoje sob o signo da retração e não são poucos os que garantem que seus dias estão contados.

O garimpo, embora longe de seus tempos áureos, foi e continua sendo uma bomba-relógio não avaliada adequadamente pelo país. A questão é tão delicada que no fim do ano passado o ministério do Meio Ambiente e Tecnologia do Japão promoveu no Rio de Janeiro um seminário internacional sobre os efeitos do mercúrio na Bacia do Rio Amazonas. O encontro contou com a participação de cientistas do

Brasil, Japão, Colômbia, Bolívia, Venezuela, Filipinas e Indonésia.

A situação em alguns pontos da Bacia do Amazonas é grave pela contaminação de peixes em rios como o Tapajós, Negro e Madeira. Esses peixes ingerem água contaminada pelos resíduos liberados pelos garimpos.

Como o peixe é o mais consumido alimento da região, dezenas de moradores já apresentam níveis de contaminação acima do limite máximo permitido pela Organização Mundial de Saúde. A maior parte da população contaminada vive no vale do Rio Tapajós. Todos estão sendo observados pelo Instituto de Pesquisas da Amazônia (Inpa). Ainda não há registro de casos da doença de Minamata, um distúrbio nervoso causado pelo mercúrio. Minamata ficou tragicamente famosa pela contaminação por mercúrio de centenas de pessoas no Japão.

Os cientistas observam que os peixes carnívoros apresentam a maior concentração de mercúrio e deveriam ser evitados nas regiões de garimpo. O tucunaré, carnívoro, é um dos mais consumidos em toda a região. Interessa talvez informar que nas áreas de garimpo prevalece a total desinformação. O mercúrio, que o garimpeiro chama azougue, não implica em qualquer cautela. Muito pelo contrário. Quando se chama a atenção para os riscos existentes em seu manuseio, os garimpeiros costumam rir. "Isso tudo é frescura de gente do Sul. Quando estou com saudades de mulher, costume até tragar a fumaça do azougue".

Há também o mito de que o garimpo é alternativa de trabalho para as populações de baixa renda. Na verdade, o garimpo beneficia apenas uma minoria de alta renda, que concentra todos os ganhos. (E.M.)